



abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

O DECLÍNIO DA COMUNIDADE JUDAICA DO IRAQUE NO ROMANCE

EMET

L M T M

(A BORDADEIRA DOS SONHOS DE

BAGDÁ) DE EZRA TSABANI

Gabriel Steinberg (USP)

Resumo: No anoitecer do dia 01 de junho de 1941, teve início, em Bagdá, um pogrom que, em muito, se assemelhou ao que ocorrera três anos antes na Alemanha. Naquela noite, a turba, incitada pelo regime pró-nazista de Rashid Ali e com o beneplácito de membros das forças de segurança, espalhou-se pela cidade, matando e saqueando a comunidade judaica. Era o início do *Farhud*, ao cabo do qual 179 judeus tinham sido assassinados e outros 50 mil haviam tido suas casas e bens destruídos. Esse acontecimento deixou a milenar comunidade judaica atônita. Com efeito, as marcas desse ataque não se apagaram da sua memória, e as vítimas dele perceberam que seu futuro no país não estava mais seguro. A partir de então, teve início a fuga de muitos judeus, que começaram a sentir que o cerco contra a sua comunidade começava a se fechar. Esse panorama histórico serve como pano de fundo para o escritor Ezra Tsabani, nascido em Israel e descendente de uma tradicional família de Bagdá. Em seu primeiro romance, *Rokemet Hachalomot miBagdad*, o autor confronta o leitor com o drama histórico vivido pela comunidade judaica do país. Sua narrativa transcorre nas coloridas ruelas dos mercados de Bagdá, lugar onde vive Juliet, a protagonista do romance e primogênita da família Dashti, que habitava no antigo bairro judaico da cidade nos anos 40 do século XX. Juliet, a jovem bordadeira, trabalha arduamente para poder sustentar os membros de sua família, que vivem uma realidade de pobreza e opressão. Seus irmãos também crescem nas escuras ruelas da cidade, onde paira no ar um tenso clima de suspeita entre judeus e muçulmanos. Os acontecimentos desencadeados pelo *Farhud* abriram feridas impossíveis de serem esquecidas ou curadas e incentivaram os judeus a abandonar o Iraque rumo ao Estado judaico que estava sendo criado.

Palavras-chave: Judeus. Iraque. Farhud. Literatura israelense.

Rokemet Hachalomot miBagdad (A bordadeira dos sonhos de Bagdá), lançado em 2016, é o primeiro romance de Ezra Tsabani, escritor israelense de família iraquiana, e conta parte da saga da mais antiga comunidade judaica ao longo da primeira metade do século XX, época de grande conturbação social e política no Iraque, assim como no restante do mundo. O atual Iraque foi a sede do antigo Império Babilônico, cujo rei, Nabucodonosor, exilou, em 586 a.C., todos os moradores do Reino de Judá, destruindo o Templo de Salomão e arrasando aquela terra. A partir desse ano, formou-se a mais antiga comunidade judaica, a qual perdurou por mais de 2600 anos e chegou a ser, ao longo de vários séculos, o centro da vida judaica, além de constituir a sede da elaboração do Talmud Babilônico no século V, nas prósperas escolas rabínicas de Sura, Pumbedita, Machuza e Nehardea. No século X, o local foi, ainda, o lugar de moradia e atuação do grande sábio talmudista, gramático e elaborador do primeiro dicionário da língua hebraica, Rav Saadia Gaon. Assim, na Idade Média, sob os domínios persa e muçulmano, a Babilônia tornou-se centro de sabedoria e de irradiação da cultura judaica medieval.

A hegemonia turco-otomana sobre o território iraquiano durou até o século XX, quando, após a 1ª Guerra Mundial, em 1920, o Iraque passou ao domínio britânico, que se encerrou, oficialmente, em 1932, quando o país tornou-se independente, sob o reinado de Faisal I. Durante esse período, o judaísmo iraquiano viveu uma espécie de “Idade de Ouro”, época em que o judeu Eskill Sassoon tornou-se ministro das finanças. Após a independência, o país viveu uma situação conturbada, e, em 1939, coincidindo com a eclosão da 2ª Guerra Mundial, subiu ao trono Faisal II, com cinco anos de idade, sendo representado no poder por um regente. A época coincidiu com uma acirrada disputa entre a elite pró-britânica e favorável ao Ocidente e grupos ultranacionalistas que flertavam abertamente com os regimes nazifascistas.

A embaixada de Hitler teve forte atuação na época, tentando transformar o Iraque em aliado do Eixo. A partir de 1933, o jornal *Al Aham al – Arabi (O mundo árabe)* publicou, semanalmente, em fascículos, o *Mein Kampf*, de Adolf Hitler, em árabe, o qual se tornou um *best seller* no país. Em 1938, uma delegação iraquiana participou da convenção do partido nazista em Nuremberg, e, a partir de 1939, a comunidade judaica do país passou a sofrer sérias restrições. Funcionários públicos de origem judaica foram demitidos, e um rígido controle foi imposto sobre as instituições escolares, que passaram a ter professores muçulmanos especialmente designados pelo

regime, com o intuito de se ter um controle sobre o sistema escolar da rede judaica de educação. No mesmo ano, chegou a Bagdá, oriundo da Palestina, o Mufti de Jerusalém, Haj Amin al-Husseini, tornando-se forte incentivador da violência contra os judeus iraquianos. Líderes judeus foram intimados a emitir comunicados nos quais declaravam oposição ao movimento sionista e apoio à heroica luta dos árabes contra os judeus na Palestina. Os judeus iraquianos transformaram-se em reféns de grupos ultranacionalistas, que apoiavam abertamente o regime nazista.

O auge da agonia judaica foi atingido em 1º de abril de 1941, quando um integrante do movimento fascista tomou o poder. Rashid Ali al-Gaylani tornou-se primeiro ministro, e a incitação contra os judeus, acusados de serem favoráveis às forças britânicas, intensificou-se. No mês seguinte, em maio, os britânicos reconquistaram a cidade de Basra ao sul, e, no final desse mês, chegaram às portas de Bagdá. Rashid Ali e Haj Amin al-Husseini fugiram da cidade, encontrando refúgio em Berlim. Na cidade de Bagdá, reinava o caos, e o governador militar Yunes A-Sabauí incentivou o povo, pelo rádio, a realizar um massacre. O exército britânico permaneceu na entrada da cidade até o dia 2 de junho. Assim, num vácuo de poder, nos dias 1 e 2 de junho, aproveitando-se da instabilidade política, que coincidiu com a festividade judaica de *Shavuot*, a população que saía das mesquitas, após as orações, foi instigada a atacar o bairro judaico. Policiais, militares, agentes públicos e governamentais juntaram-se à turba enfurecida, que acusava os judeus de serem aliados dos britânicos, que, nesse momento, cercavam a cidade.

Foi então que populares invadiram delegacias policiais, tirando de lá armas, de modo que os vizinhos de ontem transformaram-se em inimigos. Em poucas horas, teve início um grande pogrom, que se estendeu por dois dias. Nesse ataque, que os judeus iraquianos chamam de sua *Noite dos Cristais*, centenas de lojas previamente marcadas com tinta vermelha foram atacadas e queimadas, estabelecimentos comerciais e casas foram saqueados, sinagogas foram queimadas, e a multidão enfurecida começou a desfilar pelas ruas, munida de facões, atacando judeus de forma indiscriminada, matando velhos e crianças, abrindo os ventres de mulheres grávidas, arrancando judeus de dentro de ônibus e massacrando-os com uma violência assustadora, semelhante apenas à empregada na mesma época na Europa. Esse massacre acabou após dois dias, quando os ingleses ingressaram na cidade, somente depois que o exército iraquiano tomou controle da situação. O resultado desse pogrom, conhecido como o *Farhud*,

deixou um saldo de 179 mortos, 2.118 feridos, 242 crianças órfãs e 50 mil judeus que tiveram seus bens saqueados ou destruídos.

Esse trágico episódio, assim como a criação do Estado de Israel em 1948, e o recrudescimento da violência entre árabes e judeus, foi o fato que acelerou o fim da milenar comunidade judaica iraquiana, que, em sua grande maioria, decidiu abandonar o país, embarcando rumo à ilha de Chipre, para, depois de lá, conseguir chegar a Israel, no famoso resgate de salvamento chamado *Operação Ezrá e Nehemiá*. Nessa histórica operação de salvamento, 120 mil judeus chegaram, sem praticamente nada, entre os anos de 1950 e 1951, ao país recém-criado, o qual, portanto, ainda carecia das estruturas básicas para absorvê-los.

O romance de Ezra Tsabani se inicia em 1939, no bairro judaico do pequeno mercado, ao leste da cidade de Bagdá, lugar onde residia a humilde família de Juliet Dashti. Numa das casas geminadas, onde um telhado batia no outro e onde todos se conheciam, num pequeno prédio, vivia essa família de sete pessoas. Na parte térrea, estava o salão, o banheiro e a cozinha; no andar de cima, os cômodos onde a família dormia. E, no meio da sala, estava ela, a *Tatiz*, a máquina de bordar. Nela, Juliet, a mais velha de cinco irmãos, sentava-se dia e noite, dedicada à arte minuciosa de bordar. Aos sete anos de idade, quando estava apenas no segundo ano escolar, Juliet abandonou a escola para começar a trabalhar.

Seu pai, Efraim, e sua mãe, Tsachla Dashti, haviam-se casado num arranjo entre famílias e, sendo ambos analfabetos, não conseguiam o sustento familiar. Após abandonar a escola, Juliet, ainda uma menina, empregou-se na oficina de Geórgia, a qual lhe ensinou a arte de bordar. Após um período de experiência, Juliet ganhou a confiança de Geórgia e tornou-se a mais importante operária, especializando-se no funcionamento da máquina de bordar. Diariamente, Juliet dirigia-se à sua oficina, passando por ruelas estreitas, onde o esgoto corria a céu aberto. Aos 15 anos, Juliet já era a provedora da família, e o sustento das sete pessoas dependia inteiramente de seu trabalho.

Juliet tinha dois irmãos, Tsalach e Hezkel, que não estudavam, pois os professores judeus e muçulmanos aplicavam-lhes fortes castigos corporais em razão de qualquer tentativa de desobediência. Mas, além de ser a provedora do sustento, Juliet foi assumindo a chefia de sua família, e, quando Tsalach, seu irmão, decidiu abandonar a

escola israelita, foi Juliet quem teve a ideia de convencer seu tio, Yeoshua, que era um conhecido ourives, a empregar seu irmão como aprendiz. Juliet ficou satisfeita após obter sucesso nessa empreitada, como diz o romance: “Um sentimento de satisfação pulsava em seu corpo: mais uma ideia sua se tornara realidade. Ela sentiu-se feliz por ter ajudado seu irmão caçula, pois sabia que era ela, a responsável por achar a solução para cada problema que surgia em sua família. Nestas atitudes se revelava a sua grandeza”. (TSABANI, 2016, p. 25)

Quando a vida parecia seguir seu rumo pacato e humilde, a comunidade judaica foi sacudida pelo pogrom. Iniciara-se o *Farhud*, palavra curda usada para definir um movimento que envolve um temor brutal causado a minorias dominadas. Juliet, então com 17 anos, testemunhou como antigos e cordiais vizinhos transformaram-se em inimigos. Os próprios vizinhos juntaram-se à turba enfurecida, com o intuito de massacrar os judeus. Sobre Juliet, que se encontrava na casa de seu tio no momento do ataque, o narrador relata:

Um grande temor tomou conta dos membros da casa. Todos decidiram descer até o porão. Enquanto eles desciam para procurar proteção, Juliet jogou-se para fora da casa e começou a fugir daquele bairro. Ela correu descalça e a solas de seus pés sangravam. O caminho foi longo, mas ela continuou correndo com todas as suas forças, da casa de seu tio até sua própria casa. Ela temia cruzar com os agitadores, e no caminho rezou para conseguir chegar em paz. Ela não podia deixar seus pais e irmãos à própria sorte. (TSABANI, 2016, p. 38)

Um ano após o *Farhud*, em abril de 1942, começaram a chegar a Bagdá delegados de Eretz Israel, liderados por Enzo Seregni, a fim de organizarem a adesão dos judeus do Iraque ao movimento sionista. Sua atuação se dava no mais absoluto sigilo, visto que a atividade que desenvolviam de forma clandestina era passível de prisão e até de execução sumária, sob acusação de traição à pátria. O movimento *Hechalutz (O Pioneiro)* procurava moldar seus novos discípulos ao trabalho agrícola, preparando-os para a imigração para a Palestina. Em 1945, os membros do *Hechalutz* somavam 1700 membros, 1200 dos quais vivia em Bagdá. Quando os britânicos foram embora do país, a atuação clandestina do movimento tornou-se, a cada dia, mais arriscada.

Mesmo correndo perigo, Juliet aprovou o engajamento de seu irmão Tsalach no movimento clandestino sionista. Mas, além de tomar cuidado com a polícia iraquiana,

era preciso especial cuidado para não chamar a atenção de alguns membros da própria comunidade judaica, que se opunham terminantemente à atividade sionista, temendo serem vistos e tachados como membros não leais à nação iraquiana. Até mesmo o rabino chefe dos judeus do Iraque, o grande sábio Sasson Haduri, foi obrigado a declarar publicamente que a Palestina pertencia aos árabes e que os judeus do país guardavam total lealdade à pátria (TSABANI, 2016, p. 54).

Após o pogrom, Juliet casou-se com Nissim, um vendedor de tecidos no grande mercado, e os dois passaram a viver na casa dos pais do noivo, como mandava a tradição no Iraque, mesmo entre os judeus. Mas, ao perceber que sua família voltara a passar sérias necessidades, Juliet rompeu com a forte tradição da sociedade patriarcal árabe e decidiu voltar a trabalhar na casa de seus pais. Sendo ela a irmã mais velha, era preciso reassumir a liderança e voltar a ser sua provedora. Após um ano e meio, ela e seu marido alugaram para si um apartamento, mas Juliet continuou trabalhando, com rigor, em sua máquina de bordar, para sustentar, agora, duas famílias.

Em 14 de maio de 1948, o Estado de Israel foi fundado, e o exército do Iraque engajou-se na luta contra a nova nação, sendo derrotado junto aos outros países árabes em 1949, na Guerra da Independência. Ao mesmo tempo, a perseguição da polícia iraquiana contra ativistas considerados subversivos intensificou-se. Assim, diz o narrador:

Até a criação de Israel, existiam serviços de correio entre o Iraque, a Palestina e outros países da Europa. Após a decisão da Partilha de 1947, o governo do Iraque começou a controlar todo tipo de correspondência, em especial, todas as cartas destinadas a lares de cidadãos judeus. Foi criado um órgão de supervisão com o intuito de lutar contra qualquer tentativa de traição à pátria, em especial, contra os sionistas e os comunistas, que atuavam fortemente naqueles tempos pelos subterrâneos de Bagdá. (TSABANI, 2016, p. 171)

A polícia ampliou as incursões contra endereços de suspeitos de serem agentes sionistas, e muitos judeus foram levados para a prisão e submetidos a julgamentos sumários. Com a ajuda de Israel, foi organizada uma operação secreta, comandada pelo *Mossad*, com vistas à imigração clandestina e à retirada rápida do país de todo membro sionista passível de ser preso. Assim, centenas de adolescentes e dirigentes dos movimentos juvenis foram levados para Basra e, dali, atravessando o Rio Tigre em botes, foram conduzidos, primeiro, a Abadan e, posteriormente, a Teerã, no vizinho Irã.

As relações entre muçulmanos e judeus tornaram-se mais tensas a cada dia, pois estes últimos eram constantemente acusados de serem agentes comunistas e sionistas. Em 1950, o parlamento do Iraque aprovou uma lei que vigoraria por um ano, permitindo a saída dos judeus que se dispusessem a abandonar seus bens e renunciassem à cidadania do país. O governo do Iraque, que não tinha interesse em se desfazer de todos os judeus, já que muitos deles faziam parte da classe média e tinham forte presença no comércio local, desejava livrar o país apenas daqueles que eram considerados perigosos e hostis, imaginando que cerca de cinco ou seis mil deles abandonariam o Iraque. Mas o governo foi pego de surpresa quando, até março de 1950, 80 mil judeus já tinham renunciado à permanência naquele lugar.

As lembranças do pogrom vivenciadas durante o *Farhud* deixaram marcas tão profundas que a maior parte da comunidade judaica decidiu partir. A família Dashti não sabia o que fazer: ficar ou sair. Nesse momento, Juliet, novamente, assumiu a responsabilidade que sempre lhe coube no romance e decidiu que tinha chegado a hora de recomeçar a vida em Israel. Ela vendeu suas máquinas de bordar, e a família iniciou os preparativos para a grande partida. Em junho de 1950, uma bomba foi lançada na oficina que organizava a documentação dos que desejavam ir embora, evento que acelerou a correria e a vontade de mudança.

O dia tão aguardado chegou, e, em 20 de junho, a família Dashti estava no aeroporto de Bagdá. Foi-lhe permitido levar apenas duas malas com roupas para os sete membros. As casas abandonadas passaram a ser habitadas por muçulmanos, e parte dos bens confiscados foi destinada à luta dos árabes da Palestina contra Israel. Nove meses depois, em março de 1951, chegou a vez de Juliet, seu esposo Nissim e seus dois filhos, que embarcaram para Chipre e, dali, para Israel. Ao chegarem a seu destino final, o narrador nos informa: “Ao descer do avião, Juliet se deitou para beijar a terra sagrada. Juliet murmurou que o anelado sonho de dois mil anos de exílio se realizava, e no fundo de seu coração pediu ao Todo Poderoso uma nova vida” (TSABANI, 2016, p. 207). O exílio estava encerrado, mas um duro recomeço ainda aguardava a família na tão sonhada pátria judaica.

Referências

ADERET, Ofer. Leil habdolach shel yehudei Irak (A Noite dos Cristais dos judeus do Iraque). *Haaretz*, 30/05/2014. Disponível em <<http://www.haaretz.co.il/premium-1.2335776>> Acesso em: 04/08/2016.

AMIR, Eli. *Mafriach hayonim* (Quem faz voar os pombos). Tel Aviv, Am Oved, 1992

ETTINGER, Shmuel. História del Pueblo Judio – La Edad Moderna y Contemporánea. Madrid, Alianza, 1988.

GILBERT, Martin. História de Israel. São Paulo: Edições 70, 2010.

GLITSHTAIN MEIR, Esther. Hapraot beyehudi Bagdad (Os distúrbios contra os judeus de Bagdá). *Peamim*, número 8, p. 21 – 37, 1981.

JOHNSON, Paul. História dos Judeus. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

LAQUEUR, Walter. História del Sionismo. Jerusalém: La Semana Publicaciones, 1988.

REGUEV, Ofer. Hanakba hayehhudit: 75 shaná leheroiei afarhud beirak (A Nakba judaica: 75 anos do Farhud no Iraque). Disponível em <<http://midia.org.il>> Acesso em: 04/08/2016.

SACHAR, Howard M. História de Israel I e II. Da Ascensão do Sionismo ao Nosso Tempo. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989.

TAGAR, Yehuda. Hafarhud biktavim bearavit meet medinaim umechabrim iraqiim (O Farhud nos escritos em árabe de políticos e autores iraquianos). *Peamim*, número 8, p. 38 – 45, 1981.

TSABANI, Ezra. *Rokemet Hachalomot miBagdad* (A bordadeira dos sonhos de Bagdá). Tel Aviv, Gvanim, 2016.